

Folha de S. Paulo

14/7/1986

Boletim de ocorrência é falso, diz advogado

O advogado Luiz Eduardo Greenhalg denunciou ontem de manhã, na delegacia de polícia de Leme, como falso o boletim de ocorrência nº 1.210/86 que envolve cinco cortadores de cana como autores de invasão e causadores de danos à casa do PM Cláudio Lima às 11h de sexta-feira. Tendo ao lado o menor Reginaldo Querim Lopes, 17, um dos detidos pela Polícia Militar sob acusação de estar envolvido na invasão da casa, Greenhalg disse que tudo tinha sido forjado. O delegado Dias Costa prometeu abrir inquérito.

Dois dos outros detidos juntamente com o menor — João de Souza, 34, e Maurílio Cardoso, 27 — também negaram as acusações e disseram que foram espancados enquanto estavam no destacamento da Polícia Militar da cidade. O menor foi encaminhado pelo delegado para exame de corpo de delito que confirmou serem de cassinetes as marcas que apresenta nas costas.

Falando em separado, os três negaram também que estivessem de posse de uma garrucha e uma peixeira, como consta no boletim de ocorrência e foram unânimes: enquanto estavam sendo interrogados e espancados pelos policiais militares, ninguém lhes mostrou aquelas duas armas.

Na noite de sábado e às 9h de ontem, já na delegacia, o menor disse que não invadiu na sexta-feira de manhã nenhuma casa de PM. Na sexta-feira, às 7h, contou que foi olhar os piquetes dos grevistas mas garantiu que voltou logo para casa. Segundo ele, às 11h quando via televisão na sala, sua cunhada entrou e disse que havia PMs na rua. Foi ver o que era e encontrou alguns policiais entrando no terreno. Ele explicou que fechou a porta e correu para baixo de uma cama. Foi tirado de lá com um revólver na cabeça.

Reginaldo explicou que apenas seu pai, a mãe e algumas mulheres e crianças estavam na casa. Segundo ele, os policiais ameaçaram todos ao mesmo tempo em que pediam calma. Na noite de sexta-feira, sua família, em casa, confirmou estas declarações. Reginaldo explicou que foi colocado depois num camburão, onde já estavam João do Souza e Maurílio Cardoso. Depois, mais dois jovens foram ali jogados — José Francisco Vaz e Gilberto Sotta. Estes dois também estão incluídos no boletim de ocorrência, mas não foram encontrados ontem.

Depois de deixar a delegacia e ser submetido a exame de corpo de delito, Reginaldo levou a Folha até João de Souza e Maurício Cardoso. As queixas destes dois coincidem com as denúncias do menor. Dizem que foram espancados no destacamento da Polícia Militar de Leme até a hora do almoço e, segundo eles, ninguém lhes mostrou as armas. No BO consta a informação de que a garrucha tinha duas balas intactas picotadas.

Os três disseram que, depois das 13h, foram levados para a delegacia de Leme, "onde só amolaram a gente". Mesmo assim Reginaldo disse que recebeu água gelada na cara quando disse que tinha sede. Só foram liberados à noite sem assinarem nada.

Conversando com a Folha às 12h30 de ontem, João de Souza e Maurício Cardoso negaram que fossem grevistas. Ao contrário disseram que, na sexta-feira, se encontraram às 10h perto do local do conflito para procurarem o turmeiro "Toninho Padeiro". Queriam saber se iam trabalhar no sábado e se havia pagamento para receberem.

Quando caminhavam para a casa do turmeiro, viram um tiroteio e voltaram para a rua Portinari. Ali, segundo eles, foram cercados pela polícia, jogados ao chão e espancados. José Matos

Silva, 29, morador da rua confirmou a história dizendo que viu os dois sendo agarrados pela polícia. Com medo, fechou a janela e ficou sentado.

Os três garantem que foram presos em etapas diferentes. No entanto, ao ler o boletim de ocorrência o advogado Luiz Eduardo Greenhalg disse que a hora do fato ali registrado — 11h00 — e a hora do documento — 11h30 — indicavam que se tratava de uma prisão em flagrante. E disse ao delegado que o boletim de ocorrência tinha sido forjado. Nele, consta a acusação de invasão de domicílio, ameaça, danos, além da quebra de vidro da porta traseira da Veraneio PTM 1094, onde estavam os PMs Geraldo Aparecido Ferreira, Dionísio e Jorge Luiz.

Baleados

Às 14h, Greenhalg também levou à delegacia três cortadores de cana, Antônio Henrique de Oliveira, 32, Ademir Lírío Generoso da Silva, 20, e Antônio Joaquim Fernandes dos Santos, 29. Segundo o advogado, os três foram baleados no conflito de sexta-feira e atendidos na Santa Casa. O advogado denunciou que, contudo, não fora feito o boletim de ocorrência para abertura de inquérito.

Nos depoimentos que prestaram ao delegado Dias Costa e ao promotor Francisco Mário Giotti Fernandes, os três disseram que foram baleados pelos policiais militares. Antônio está com uma bala alojada no músculo glúteo esquerdo. Ademir levou um tiro que atravessou a barriga da perna e Joaquim um tiro de raspão na cabeça. (TA)

(Primeiro Caderno — Página 6)